



Ateliê de História

Palavras - chave:

Ariranha do Ivaí; Rito Pascal;
Ucranianos; Identidade
Étnica; Ressignificações.

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar as permanências e ressignificações do ritual da Divina Liturgia Pascal entre os descendentes de ucranianos de Ariranha do Ivaí-PR. Esta localidade pertenceu à cidade de Ivaiporã-PR como distrito até 1996, quando foi reconhecida como município. A colonização de Ariranha do Ivaí ocorreu entre as décadas de 1940 e 1960 e entre os colonizadores estavam os ucranianos e seus descendentes que até nos dias atuais são adeptos da religião católica ucraniana de rito bizantino. Suas cerimônias e rituais religiosos são praticados na Capela São Miguel Arcanjo, onde a Páscoa é vivenciada por essas pessoas como a maior festa da igreja. A presente pesquisa foi realizada com base em revisão bibliográfica, como também em fontes orais que permitem através das memórias interpretar fragmentos de um fato passado. Foram utilizados documentos clericais e canônicos para a compreensão da Litúrgica Bizantina. Destaca-se que a Liturgia Pascal é uma ação ritual religiosa definidora de identidade étnica ucraniana que através das relações sociais iniciou um processo de ressignificação a partir do ano de 2003, também motivado pela tradução das celebrações e cerimônias religiosas da língua ucraniana para o português. Outro fator que implicou alterações foi a redução do número de fiéis que frequentam a capela.

O RITUAL DA DIVINA LITURGIA PASCAL ENTRE OS DESCENDENTES DE UCRANIANOS DE ARIRANHA DO IVAÍ-PR: PERMANÊNCIAS E RESSIGNIFICAÇÕES RELIGIOSAS (2003-2013)

Fernanda Mazuco ¹

Maria Inêz Antonio Skavronski ²

INTRODUÇÃO

Conforme as reflexões de Falcon (1996) é preciso pensar o historiador no alto de uma colina de onde observa o grande rio da história, identificando suas peculiaridades como épocas, povos, nações, culturas e sujeitos. Neste mesmo sentido Pesavento (2000) afirma que há sempre um narrador que interpreta aquilo que viu e que conta aos sujeitos que não viram a cena em questão. Com base nessas afirmações este trabalho tem como desígnio pesquisar e compreender as permanências e ressignificações dos ritos da Divina Liturgia Pascal entre os descendentes de ucranianos de Ariranha do Ivaí.

A formação dessa pequena cidade que se localiza no interior do Paraná iniciou aproximadamente entre 1940 e 1960 e suas terras pertenceram ao município de Ivaiporã-PR até 1996, quando Ariranha do Ivaí foi elevada a categoria de município. Entre os colonizadores estavam os ucranianos e seus descendentes³. Esse povo migrou da Ucrânia para vários locais do mundo, sendo o Brasil um dos países de destino, e a maioria se instalou no Estado do Paraná. (BORUSZENKO, 1969).

Nessas novas terras os ucranianos enfrentaram muitas dificuldades, como a falta de igrejas de rito bizantino para frequentar. Conforme as palavras de Burko (1963) esses indivíduos são muito ligados à sua religião tradicional Oriental Católica Ucraniana praticante do rito bizantino. As famílias de ucranianos e descendentes que chegaram a Ariranha do Ivaí entre a década de 1940 e 1960 não encontraram uma capela para a prática de suas cerimônias e ritos religiosos. Apenas no ano de 1967 esse grupo se reuniu e construiu a capela São Miguel Arcanjo.

Essa Capela é o espaço religioso que permite a esses fiéis partilharem sua fé e praticarem o rito da Divina Liturgia Pascal. Na atualidade há aproximadamente entre dez a doze famílias participantes das celebrações religiosas na referida capela que pertence à Paróquia de Pitanga-PR. Essa paróquia é vinculada a Eparquia São João Batista que coordena as Igrejas Orientais Católicas Ucranianas de Rito Bizantino com sede em Curitiba-PR, sendo conectada canonicamente ao Arcebispo Maior, com sede em Kiev na Ucrânia.

Os ritos religiosos praticados por essa comunidade representam um campo atraente para a pesquisa das permanências e ressignificações da prática dos ritos pascais católicos ucranianos, pois a Páscoa é a festa religiosa de maior valor para esse povo. Assim, ao considerar que a religiosidade dos imigrantes ucranianos e

1 Graduada em Licenciatura em Pedagogia (2013) pela Universidade Internacional de Curitiba (UNINTER). Graduada em Licenciatura em História pela UEPG/JAB (2014). E-mail: fernandamazuco@gmail.com.

2 Orientadora. Mestranda no Programa de Pós Graduação em História PPGH pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

3 Disponível em <http://www.ariranhadoivai.pr.gov.br/portal1/intro.asp?ildMun=100141024>. Acesso em 12/03/2014

de seus descendentes é um mecanismo de manifestação da etnicidade vinculada principalmente ao rito bizantino, buscou-se compreender de que maneira esse sentimento de pertença pode implicar possíveis novos significados na prática dos ritos pascais na comunidade pesquisada, bem como quais são os novos significados perceptíveis nos rituais da Páscoa ainda praticados por esse grupo. Além dos aspectos investigados citados acima, outro questionamento instigou a pesquisa a respeito das transformações ocorridas na forma de celebração da Páscoa nos últimos dez anos. Esse fato foi percebido a partir de conversas informais com integrantes dos ritos pascais que questionam as alterações ocorridas na última década.

Entre as fontes utilizadas neste trabalho destacam-se os documentos clericais e canônicos que são Livros Litúrgicos e Cadernos de Cânticos relativos ao período de 2003 e 2013. O historiador, além de outras qualidades, “(...) necessita desenvolver a erudição e a sensibilidade no tratamento das fontes, pois delas depende a construção convincente de seu discurso”. (PINSKY, 2005, p. 10). Os documentos analisados possibilitam identificar alterações ocorridas na prática dos ritos da Divina Liturgia Pascal na comunidade descrita. Porém a interpretação foi desenvolvida com cautela, pois se sabe que:

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (...) um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF, 1996, p.547-548)

Os documentos não são neutros, há influências ideológicas, portanto é de extrema relevância analisá-los dentro do seu contexto e buscar entender os significados para quem os construiu. A história oral também integra a metodologia deste trabalho, pois nas palavras de Skavronski (2013, p. 06-07) “A memória dos descendentes de imigrantes é reanimada através das narrativas das suas práticas religiosas perceptíveis e naturalizadas no cotidiano, na linguagem, nas tradições, enfim, na vivência social desses indivíduos.” Sendo assim, através da coleta das entrevistas foi possível captar memórias tanto individuais quanto coletivas do grupo pesquisado e investigá-las em busca de respostas para os questionamentos propostos.

Segundo Alberti (2004, p. 27):

A metodologia de história oral é bastante adequada para o estudo de memórias, isto é, de representações do passado. Estudar essa história é estudar o trabalho de constituição e formalização das memórias, continuamente negociadas. A constituição da memória é importante porque está atrelada à construção da identidade. Como assinala Michael Pollak, a memória resiste à alteridade e à mudança e é essencial na percepção de si e dos outros. Ela é resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isso é de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada através de entrevistas de história oral.

As memórias trazem à luz da história detalhes de fatos que os documentos escritos não conseguem transmitir. Portanto, foram coletadas entrevistas com o padre que celebra as cerimônias e ritos na capela São Miguel Arcanjo, com a responsável da liturgia da capela e com duas fiéis que possuem lembranças desde a época em que chegaram à Ariranha do Ivaí antes que a capela fosse construída. Outro fator que colaborou para a coleta dos depoimentos foram as visitas realizadas aos descendentes de ucranianos locais, assim como a participação da pesquisadora à celebração do rito da Divina Liturgia Pascal no ano de 2013.

Do ponto de vista bibliográfico associado à temática da pesquisa, esse trabalho articula-se com os escritos de Oksana Boruszenko, Lara Janek Babbar, Valdomiro Burko e Vassilio Burko para explicar sobre a imigração, costumes e ritos religiosos ucranianos. O autor Sother Schiller em sua obra “Nossa Liturgia de São João Crisóstomo”, permite explicar particularidades da liturgia praticada pelos ucranianos e seus descendentes.

Em relação aos conceitos que fundamentam este trabalho, Aldo Natale Terrin em “O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade” embasa a análise da ação ritual e seu significado simbólico para os descendentes de ucranianos, pois o grupo estudado possui uma forte ligação com um mundo abstrato através da prática dos ritos pascais. Outro fator que foi destacado é a identidade desses indivíduos que possuem consciência de pertencimento à etnia ucraniana, como também a supervalorização da religião da pátria mãe “Ucrânia”. Esses elementos serão analisados com a conjectura da obra “Quem precisa da Identidade?” de Stuart Hall que explicita que identidades são formuladas com base em identidades do passado e mantêm muitos traços das mesmas no presente.

As reflexões de Maria Inês Antonio Skavronski possibilitam entender a religiosidade dos ucranianos e seus descendentes como elemento de identidade. Fredrik Barth em seus escritos sobre “Grupos Étnicos e suas Fronteiras” permite classificar como características de etnicidade o sentimento de reconhecimento, quando um sujeito se classifica como partícipe de um grupo, assim como também é reconhecido por sujeitos que estão além das fronteiras do grupo.

Em relação aos entrevistados, são os seguintes:

Entrevistado 1: Padre Antônio Lachovicz, 54, celebrou as cerimônias e rito na capela pesquisada entre 1993 a 1996. Na atualidade é novamente o padre da capela.

Entrevistada 2: Sra. Natália Onesko, 48 anos, filha da entrevista 3. Responsável pela organização litúrgica e conservação da capela.

Entrevistada 3: Sra. Ana Onesko, 82 anos. Descendente direta de ucranianos e frequenta a Capela São Miguel Arcanjo desde a sua construção no final da década de 1960.

Entrevistada 4: Sra. Estefânia Bentrot Miskiu, 59 anos, frequenta a capela desde a época em que foi construída e também é descendente de ucranianos.

As entrevistas foram articuladas à teoria de Michael Pollak sobre “Memória e Identidade Social” para compreensão das memórias que esse autor conceitua como “vivas por tabela”. Há relatos coletados que explicitam fatos que não foram vivenciados pelos entrevistados, mas existe, no entanto, um sentimento de pertencimento ucraniano tão forte que a narrativa é formada como se de fato tivessem presenciado o acontecimento. Algumas palavras do historiador Maurice Halbwachs também contribuem para compreender a memória coletiva.

O trabalho divide-se em quatro seções. Na primeira expõem-se algumas informações históricas da formação de Ariranha do Ivaí e aspectos relacionados à imigração ucraniana para o Brasil, especificamente para o território paranaense, ressaltando-se o papel da memória na representação dos fatos estudados. Nessa seção também será descrito o processo de construção da capela ucraniana São Miguel Arcanjo.

Na segunda seção elenca-se o conceito de rito destacando-se a prática dos ritos religiosos pelo grupo estudado. Para isso serão abordados aspectos da religião católica ucraniana, peculiaridades

dos ritos religiosos como também da música sacra. Será articulado o conceito de identidade étnica do grupo estudado em consonância com a prática religiosa. Na terceira seção será destaque a Liturgia Pascal ucraniana e como ela ocorre na capela São Miguel Arcanjo. Na última seção especificam-se as permanências e alterações na prática ritual da Divina Liturgia Pascal ucraniana entre 2003 a 2013 entre os membros do grupo estudado.

Capela São Miguel Arcanjo: espaço de religiosidade

O grupo focalizado neste estudo configura-se o de descendentes de ucranianos que se encontram radicados no Município de Ariranha do Ivaí. A denominação desse município se explica por motivo de que na época de sua colonização, eram encontradas muitas ariranhas nos rios locais, também conhecidas como onças d'água. Essa localidade que possui na atualidade uma população estimada de 2421⁴ habitantes pertenceu à Ivaiporã como distrito até 10 de setembro de 1996, quando foi elevada à categoria de município através da Lei Estadual nº 11.509⁵. Ivaiporã iniciou seu ciclo colonizador durante as décadas de 1940 a 1960. Entre as etnias que migraram para as terras ivaiporaenses estavam os ucranianos e seus descendentes, os quais em grande parte se fixaram em Ariranha do Ivaí. Esses sujeitos se deslocaram da Ucrânia para as terras brasileiras em várias fases. Sobre essas etapas de imigração, Boruszenko (1969, p. 427-428) elucida que:

A primeira, data dos fins do século XIX, quando milhares de ucranianos, em consequência da superpopulação agrária e débil industrialização, e ainda as más condições socioeconômicas, abandonaram as terras negras e transferiram-se para outros países, entre os quais o Brasil e, particularmente, o Estado do Paraná. A segunda etapa da imigração ucraniana efetou-se após a Primeira Guerra Mundial. Os motivos, desta vez, foram, sobretudo políticos. O maior êxodo dos ucranianos deu-se, porém, após a Segunda Guerra Mundial, êxodo este no qual se inclui a terceira etapa da imigração ucraniana para o Paraná.

Nos depoimentos coletados com alguns descendentes de ucranianos de Ariranha do Ivaí, foi possível identificar que os pais dos entrevistados chegaram ao Brasil durante a segunda fase da imigração:

4 Disponível em < <http://cod.ibge.gov.br/2LRXP> >. Acesso em 12/03/2014.

5 Disponível em < <http://www.ariranhadoivaipr.gov.br/portal1/municipio/historia> >. Acesso em 12 de março de 2014.

Foi muito difícil! Meu pai veio ainda era criança, veio para o Brasil mais ou menos após a Primeira Guerra Mundial, lá na Ucrânia teve perseguição, matavam padres, sacrificavam crianças, meninas, moças eram usurpadas, tiradas do pai, nunca mais o pai via. Quando chegaram aqui no Brasil foram morar em Ivaí-PR. (ENTREVISTADA 3)

Os coitadinhos ficaram perambulando, acho que vieram mais ou menos depois de 1920, eles refizeram a vida por sorte! Tinha dia que meu pai falava de voltar para a Ucrânia! Nós passamos dificuldades onde morávamos. (ENTREVISTADA 4)

Percebeu-se durante as entrevistas que as depoentes se emocionaram ao falarem sobre o fato, sentimentos que extravasaram no olhar de profunda comoção e tristeza. As narrações revelam detalhes como se essas mulheres tivessem vivenciado as perseguições na Ucrânia e as dificuldades enfrentadas pelos pais ao chegarem às terras brasileiras. São recordações de acontecimentos que elas não participaram, mas que fazem parte de suas histórias de vida. São elementos constitutivos de memória por tabela que Pollak (1992, p. 2) conceitua como

(...) acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomara relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.

É uma *anamnese* transmitida pelos membros do grupo, sendo as lembranças um elemento identitário dos descendentes de ucranianos. As memórias são elaboradas por um conjunto de indivíduos que selecionam o que recordar. Isso é resultante das identificações que estes sujeitos sociais fazem, pois sempre há fatos que marcam mais a trajetória de um grupo. (HALBWACHS, 1990). Existe um reconhecimento entre os descendentes de ucranianos com o passado de seus ascendentes na Ucrânia que resiste ao tempo. São reconstruções de fatos que marcaram a trajetória dessas pessoas que deixaram sua pátria em busca de uma nova vida em terras longínquas e desconhecidas.

Muitos dos ucranianos quando chegaram ao Brasil se instalaram em colônias como a localizada em Ivaí, município paranaense. Algumas famílias permaneceram por pouco tempo nesses lugares e migraram para outros locais por motivo das dificuldades encontradas, como a falta de terras para plantar e

péssimas condições de vida. Vários desses indivíduos foram encarregados pelo governo para colonizar regiões ainda não desbravadas, derrubando matas e construindo estradas. Não conheciam a língua da segunda pátria e passaram também dificuldades com a escassez de alimentos. (BURKO, 1963). Por esses motivos começaram a buscar novos locais para morarem.

Nessa busca por uma vida melhor vários ucranianos se fixaram em Ariranha do Ivaí, que na época de sua colonização, entre a década de 1940 e 1960, possuía terras apreciadas entre as mais férteis do país⁶. A Sra. Estefânia relatou os motivos de migrarem em busca de novas terras para morarem:

Vimos para Ariranha através de um primo, nosso primo nos buscou e vimos morar no Rio claro⁷, depois de três anos compramos nosso sítio no Riozinho⁸! Chegamos mais ou menos no começo de 1960, passávamos dificuldades onde a gente morava. Eu tinha de três para quatro anos. Meu pai sonhava em voltar para a Ucrânia, aqui tudo foi muito difícil. Ele nem aprendeu falar português! (ENTREVISTADA 4)

É evidente na narração o anseio do pai da Sra. Estefânia em voltar para Ucrânia. Esse fato justifica-se pelas adversidades enfrentadas pelos ucranianos, quando chegaram ao Brasil. Um dos infortúnios que muito afetou a vida dessas pessoas na nova pátria foi a ausência de apoio religioso. Burko descreve a ligação desses sujeitos com sua religião cristã oriental de rito bizantino narrando que “uma das características do povo ucraniano, além de certas virtudes inatas, como, por exemplo, a lealdade, o amor a terra e ao trabalho, é a religiosidade um sentimento profundamente arraigado, que o prende a sua religião tradicional”. (BURKO, 1963, p.59). Quando essas pessoas chegaram ao Brasil não havia padres que falavam a língua ucraniana e os ritos litúrgicos praticados eram diferentes dos que estavam acostumados a praticar nas Igrejas Orientais de rito bizantino na Ucrânia.

A liturgia bizantina, da qual a ucraniana é um ramo, têm origem na de Jerusalém, de São Tiago, reformado por São Basílio Magno e abreviada por São José Crisóstomo, no Século IV. Foi logo apresentada pela Igreja, sendo seguida até hoje por grande número de cristão do Oriente e pelos fiéis do rito ucraniano, o qual é todo celebrado na língua ucraniana. (BORUSZENKO, 1969, p. 431)

Explicando a divisão dos ritos cristãos do Oriente, o Padre Schiller (2008, p. 32) descreve que o “Rito

6 Disponível em <<http://ivaipora.org/>>. Acesso em 14/03/2014.

7 Área rural que pertence à Ariranha do Ivaí.

8 Área rural que pertence à Ariranha do Ivaí

Bizantino é o maior dos ritos orientais, pelo menos em termos de números, visto que foi adotado por um grande número de nações. É o rito que teve origem na capital do Império Greco bizantino, Constantinopla ou Bizâncio". Na contemporaneidade o referido rito permanece com forte presença em várias regiões do mundo, inclusive no Brasil. Quando os ucranianos e seus descendentes chegaram a Ariranha do Ivaí entre as décadas de 1940 e 1960, não encontraram uma igreja de Rito Bizantino para frequentar.

Não tinha a capela ucraniana, nós íamos rezar na casa do meu primo! O padre vinha celebrar a missa para nós, mas era só de seis em seis meses, eu era criança nessa época. No começo quando a missa era na casa que te falei, o padre vinha de Ivaí! Ele vinha a cavalo! As famílias recolhiam ele. Ele sofria e as vezes passava até fome! Por isso a missa era de seis em seis meses. A gente passava a Páscoa e o Natal sem o Padre, era difícil ele vir, daí era só nós para rezar! O povo se reuniu e resolveram fazer a igreja! Eu acho que eu tinha uns sete anos quando construíram essa igreja. A capela foi construída acho que em 1967! Eu fiz a minha primeira comunhão em casa, só depois que foi construída a igreja. A comunidade se uniu e daí cada um ajudou, quem tinha pinheiro dava pinheiro, quem tinha peroba era peroba e daí cada um entrou com seu serviço! Daí o padre começou a vir uma vez por mês! (ENTREVISTADA 4)

Essas famílias de ucranianos e seus descendentes vivenciavam a fé e as ações rituais na casa de um dos fiéis, até que a pequena igreja São Miguel Arcanjo foi construída em 1967. O Sr. Albino Kupchynskyi se organizou juntamente com a população de ucranianos e descendentes para edificar a capela. As medidas da pequena igreja eram de 14mx19mx9m, conservadas até os dias de hoje. Os primeiros membros que formaram a diretoria da capela foram Demétrio Verenka como presidente e Estefano Onesko como vice-presidente. O responsável pelas finanças foi Estefano Hneda e Boris Roik, o primeiro secretário. O Padre que celebrava as cerimônias e ritos chamava-se Mateus Demeterco e as celebrações ocorriam uma vez por mês. Naquela época eram 30 famílias que pertenciam à comunidade de fiéis que frequentavam a capela. O padre realizava aproximadamente 60 confissões e 430 comunhões anuais⁹.

O pequeno santuário de rito bizantino Ucraniano Católico pertenceu à Paróquia de Ivaí até no início da década de 1970, quando passou a pertencer à Paróquia Nossa Senhora da Glória localizada no Município de Pitanga, por estar mais próxima dessa cidade¹⁰.

Assim o padre passou a celebrar as cerimônias e ritos religiosos na capela com mais frequência. A paróquia de Pitanga está vinculada a Eparquia São João Batista com sede em Curitiba. Essa Eparquia que congrega todos os fiéis descendentes de ucranianos cristãos Greco católicos da América Latina está conectada canonicamente ao Arcebispado Maior Sviatoslav Shevchuk, de Kiev, capital da Ucrânia e comandada pelo Papa Francisco de Roma - Itália¹¹. É nesse contexto religioso que a pequena igreja pesquisada encontra-se inserida até os dias atuais.

Como já explicado, a capela São Miguel Arcanjo conta hoje com aproximadamente dez a doze famílias que participam das cerimônias e dos ritos religiosos. Natalia Onesko explica que

muitos fiéis na última década emigraram para os grandes centros em busca de oportunidades de trabalho e estudo. Enquanto outros se casaram com pessoas de outras etnias e acabaram deixando de praticar os ritos. Para nós que ainda frequentamos a capela, praticar a nossa religião é algo herdado, e preservá-la, é perpetuar os costumes religiosos dos ancestrais que trouxeram da Ucrânia todo um conhecimento religioso. (ENTREVISTADA 2)

Os fiéis que frequentam a capela se mantêm ligados à religião tradicional Oriental Católica Ucraniana praticante do rito bizantino, demonstrando a busca pela preservação dos costumes místicos de seus ancestrais. Para esses sujeitos a religião e a fé são sustentáculos para suas vidas, sendo que praticá-las está intrinsecamente ligada a sua etnicidade.

A ação ritual como condição de identidade étnica

Compreende-se que entre os sujeitos estudados permanece uma partilha de memória, valores e ritualidade que podem ser classificados como elementos de etnicidade. Barth (1969, p. 189-190) define uma população étnica como um grupo que

1 perpetua-se biologicamente de modo amplo, 2 compartilha valores culturais fundamentais, 3 constitui um campo de comunicação e interação, 4 possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se construísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo.

Um integrante de uma população étnica possui sentimento de pertença e autorreconhecimento

9 Disponível em <<http://ivaipora.org/>>. Acesso em 14/03/2014.

10 Área rural que pertence à Ariranha do Ivaí.

11 Disponível em <http://www.eparquioucraniana.com.br/eparquia/site/index.php> . Acesso em 10 de março de 2014.

como partícipe desse grupo, como também é reconhecido por sujeitos que estão além das fronteiras desse contíguo de pessoas. Ou seja, mesmo quem não é descendente de ucraniano os reconhecem como “ucranianos”. Porém a cultura não é unânime entre um grupo étnico. Esses sujeitos circulam entre várias culturas, assimilando e selecionando alguns elementos culturais que os identificam com a etnia a qual pertencem. O sujeito étnico não vive isolado e sim convive interculturalmente. Esse convívio colabora para a definição das fronteiras da etnicidade.

(...) as identidades são construídas por meio das diferenças e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construída. (Derrida, 1981; Laclau, 1990; Butler, 1993). (...) A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta”. (HALL, 2000, p. 110).

As identidades étnicas não são imóveis e sim, dinâmicas, tendo em vista que os sujeitos pertencentes a uma população étnica têm suas identidades modificadas quando interagem com outros sujeitos, assimilando e excluindo elementos de outras culturas, como também definindo quem faz parte do grupo ou não. Nesse processo de reconstrução de identidades o passado possui influência.

(...) as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com a qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem podemos nos tornar”. (Hall, 2000, p. 108-109)

Sobre esse contexto identitário, Pollak (1992) destaca que a memória colabora para a conservação de sentimento de identidade, não só a nível individual como também coletivo. É um elemento relevante na constituição de sentimento de ininterruptão e de coesão de um sujeito ou de um grupo no processo de reelaboração identitária. Entende-se que ao evocar as lembranças, os sujeitos resgatam elementos relacionados à própria identidade. Essa ação colabora para que se sintam conectados com o grupo ao qual pertencem e que juntos vão adaptando suas

identidades no decorrer do tempo.

Nas narrativas de alguns componentes do grupo pesquisado, percebe-se que a identidade está interligada ao passado ucraniano, havendo uma supervalorização da pátria mãe dos seus ascendentes. Observa-se o fato de os entrevistados se reconhecerem como “ucranianos” e não como “descendentes de ucranianos”, sendo esse o elemento propulsor de inserção atual ao grupo. Manter os traços identitários étnicos para eles é uma questão de manter as fronteiras entre a descendência ucraniana e os demais grupos existentes. É na religião católica ucraniana de rito bizantino que esses indivíduos encontraram uma espécie de demarcador de fronteira étnica, ou seja, as práticas religiosas os diferenciam dos demais grupos.

Cabe assim, descrever algumas particularidades e singularidades das cerimônias religiosas praticadas por esses sujeitos e também destacar alguns elementos simbólicos que constituem o rito bizantino. Para assim, apresentar um melhor entendimento da religião como elemento definidor de identidade étnica:

(...) é possível perceber os ícones (pinturas religiosas), que são dotados de simbologias específicas dispostas nas posturas das mãos das imagens, objetos e cores selecionados para significação diferenciada. (...) Outras particularidades da liturgia ucraniana podem ser ressaltadas. O padre celebra o serviço virado para o altar, de costas para a assembleia, em sinal de deferência a Cristo, portando-se deste modo, como guia ou pastor da celebração. A quantidade de vezes que os fiéis fazem o sinal da cruz também chama atenção, assim como o modo. Para o sinal da cruz, os fiéis da liturgia oriental unem os dedos polegar, indicador e médio da mão direita e a apoiam os outros dois na palma da mão, como representação da Santíssima Trindade e das duas dimensões humana e espiritual de Cristo. Ademais, o sinal é realizado da direita para a esquerda. (BABBAR, 2008, p. 39).

Cantar é também um elemento que compõe a ação ritual da religião cristã católica ucraniana de rito bizantino. Um fator ímpar nessas celebrações são as músicas litúrgicas que são cantadas sem acompanhamentos instrumentais, valorizando-se a sonoridade da voz.

A música litúrgica tem como principal instrumento a voz, visto a ausência dos instrumentos musicais durante as celebrações. Tradicionalmente, todos os ofícios religiosos são celebrados por meio de cantos entoados por celebrantes, diáconos, coros, cantores e fiéis. (BABBAR, 2008, p. 41)

Esse aspecto da celebração colabora para que a atenção dos fiéis esteja centrada na liturgia da pa-

lavra, no significado da oração cantada, não se distraíndo com o som produzido pelos instrumentos. Sobre cantar sem instrumentos Natália Onesko afirma que

Na igreja ucraniana uma das coisas mais bonita são os cantos, por que se você ouvir os cantos ucranianos não tem instrumentos, mas tem algo diferente! A melodia só da voz é muito bonita, parece que penetra nossos corações e cantamos com mais fé. (ENTREVISTADA 2)

De acordo com o relato oral, na capela São Miguel Arcanjo a música litúrgica segue a tradição de ser cantada sem acompanhamentos instrumentais e isso é motivo de orgulho e de entronização dos ritos praticados nas missas. Porém os fiéis que frequentam essa pequena igreja não vivenciam as particularidades da religião materna semanalmente como ocorre na maioria das igrejas orientais católicas ucranianas. Como já mencionado anteriormente, o padre celebra a liturgia e os sacramentos quinzenalmente, pois a Paróquia Nossa Senhora da Glória a qual pertence a capela possui poucos padres para atender várias comunidades. Isso colabora para que esses sujeitos frequentemente também a Igreja católica de rito latino de Ariranha do Ivaí. Nas palavras da Senhora Estefânia

Estar na igreja católica possui o mesmo significado de fé, mas se ficar muito tempo sem missa na nossa capela ucraniana a gente sente falta, a gente acostumou ali desde criança! Parece que assim sabe! Na nossa igreja a gente vai e fica livre, parece que somos os donos da Casa! (ENTREVISTADA 4)

Neste mesmo sentido a entrevista 2 afirma que

Estar na Igreja Católica é estar vivenciando a fé em Deus, porém a missa ucraniana é muito bonita, mesmo que você não entenda a língua ucraniana você vai à missa e sai de lá renovada. É também preservar todo um conhecimento dos antepassados que vieram da Ucrânia! (ENTREVISTADA 2)

Percebe-se que esses sujeitos mesmo convivendo com os católicos romanos de rito latino e assimilando alguns hábitos e costumes culturais, mantém suas peculiaridades principalmente relacionadas aos ritos religiosos. A perpetuação da ritualidade católica ucraniana é uma forma de manter a identidade étnica do grupo. Terrin (2004, p. 19-20) afirma que:

Quando se usa o termo “rito”, faz-se referência a uma ação realizada em determinado tempo e espaço. Trata-se, pois de ações rituais realizadas no seio de uma religião ou de uma cultura e reconhecidas como tais. Trata-se de ações diferentes de ações da

vida ordinária e se distinguem do comportamento comum.

O ritual que se destaca entre o grupo pesquisado é o da celebração da Divina Liturgia Pascal, um momento único onde ocorre a conexão do grupo com um mundo simbólico.

Não há dúvida de que o rito é, principalmente e de maneira prioritária um ato de adoração, um momento de expressão de um “Todo”, no nível comunitário, um ato de culto que tem a sua direção intencional metaempírica e, como tal, é capaz de unificar de maneira profunda a experiência do real. É direta ou indiretamente um “voltar se para outro” ou, pelo menos, um sentir, através do estar e do fazer juntos, “que no sentido do mundo está fora do mundo”. (TERRIN, 2004, p. 35-36)

É estar no espaço da ação ritual, unidos em um sentimento singular e indivisível que não se encontra em um mundo concreto e sim em um espaço único de fé, além das fronteiras do real. Dom Volodemer Koubetch (s/d, p. I) narra que “O rito é o patrimônio litúrgico, teológico, espiritual e disciplinar, distinto da cultura e das circunstâncias históricas dos povos e que se expressa no modo de viver a própria fé de cada Igreja”. Compreende-se então que faz parte da vida e da história desse povo a prática dos ritos religiosos, pois há até mesmo orientações canônicas sobre esses rituais.

Não há pretensão nesse trabalho de descrever o rito em todas suas particularidades, pois em contato com as fontes, principalmente na coleta dos relatos orais, é perceptível a importância na prática dos ritos religiosos católicos ucranianos para esse grupo. Porém, em palavras, definir algo simbólico e tão vivo na fé desses sujeitos é um tanto complexo. Sobre a problemática de uma elucidação conceitual de rito, Terrin (2004, p. 147) expõe que “(...) ele continua sendo fundamentalmente um enigma (...). Há algo que nos escapa e que não conseguimos traduzir, porquanto não conseguimos ‘captar’ todos os verbetes e, sobretudo, parece que não somos capazes de unifica-los”. Talvez aí resida a verdadeira essência do rito. Ser inexplicável, indefinível e pertencer às práticas simbólicas que possuem um sentimento ímpar para quem as pratica em um local próprio para essa ação.

Trata-se do espaço que é organizado pelas ações, pelos gestos e palavras para expressar um contexto; o espaço significativo é, por isso, a performance, a representação, no caso do rito é a celebração tal como ela se desenvolve e como envolve todos os participantes”. (TERRIN, 2004, p. 215-216).

O espaço de prática ritual pascal dos descendentes de ucranianos de Ariranha do Ivaí é a Capela São Miguel Arcanjo, local de culto e encontro com um mundo emblemático. O grupo através da religiosidade e da ação ritual pascal mantém uma constante sintonia que colabora para a perpetuação de sua etnicidade.

A prática do rito da Divina Liturgia Pascal

Os documentos das Igrejas Orientais sublimam e destacam a prática do rito da Divina Liturgia Pascal como o ápice da fé católica ucraniana. O calendário Litúrgico ucraniano é dividido em doze grandes festas, sendo a Páscoa o mais importante desses festejos religiosos¹².

A Páscoa é a primeira festa cristã por importância e antiguidade. Dela desenvolveu-se, paulatinamente, todo o ano litúrgico. As mesmas discussões, surgidas no segundo século entre o Papa de Roma e as cristandades asiáticas, vêm nos confirmar que a celebração da Páscoa remonta aos tempos apostólicos. Segundo as prescrições emanadas do Concílio de Nicéia no ano 325, o prazo dentro do qual se pode celebrar a Páscoa, conforme os cálculos astronômicos vai de 22 de março a 25 de abril. (DONADEO, 2000, s/d).

A Páscoa é uma ação ritual que podemos entender como “simbólica religiosa repetida, torna-se o momento de realização de um tipo mais suave de meditação (...) “pausa simbólica” em relação ao tempo profano”. (TERRIN, 2004, p. 247). É o momento de desligar-se do mundo real e conectar-se a uma dimensão superior. É meditar o mistério da morte e ressurreição de Cristo de maneira indefinível.

Sobre a celebração da Páscoa

Dentro da espiritualidade até mesmo da igreja católica é a Páscoa a maior festa religiosa. E para nós ucranianos é a Páscoa a grande festa da igreja! Mesmo aqui que é uma comunidade pequena, mesmo na nossa simplicidade, a missa da Páscoa, por exemplo, se não tiver a missa da Páscoa, não tem Páscoa! Não tem sentido! Para nós a Páscoa é ir à missa! (ENTREVISTADA 2)

A festa da Páscoa e a festa da Vitória da vida sobre a morte.

Cristo Venceu a morte o pecado e nos deu a vida eterna! Vivenciamos a nossa fé com grande júbilo

e alegria desta vitória de Cristo! (ENTREVISTADO 1)

É possível perceber nos relatos uma conexão não só com o simbólico como também com a tradição católica ucraniana, sendo assim uma manifestação étnica. Nesse mesmo sentido a Senhora Ana Onesko afirma que

Quando é Páscoa, desde o início da missa o Padre fala ‘Khrestós voskrés!’, Ou seja, ‘Cristo ressuscitou!’ Muitas vezes se repete Khrestós voskrés! A Igreja parece que se enche daquele canto! (Cristo ressuscitou). Nossos corações se enchem de alegria. Muito bonito! Muito Bonito!” (ENTREVISTADA 3)

Quando a entrevistada se refere à igreja como local que se enche de alegria, é possível situar a capela como o ambiente onde o rito da Páscoa acontece, pois “(...) o espaço deve ser capaz de interpretar as palavras, os gestos e as ações da liturgia, de modo adequado. Somente assim se tem uma correspondência entre espaço significativo e ação litúrgica” (TERRIN, 2004, p.218). São ações ecoadas anualmente no mesmo lugar organizado para essa prática e estar nesse local religioso faz com que o grupo mantenha laços identitários reforçados através da fé.

Em relação à ação ritual ocorrer em um mesmo espaço de forma repetida anualmente, pode-se entender que

A Liturgia celebrada pela Igreja continua e atualiza a obra salvífica de Jesus Cristo na Igreja e no mundo, hoje e em todos os tempos. A liturgia não ‘repete’ mas continua a mesma obra salvífica de Cristo realizada uma vez para sempre na cruz e na ressurreição”. (SCHILLER, 2008. P. 15).

Compreende-se que não se trata de uma reprodução e sim uma prática ritual ininterrupta. Solenizar a Divina Liturgia Pascal não é apenas a reprodução da morte e ressurreição de Cristo, e sim um *continuum* do ato de salvação. É sempre ter uma nova oportunidade de renascer para uma vida nova, possuir uma vida organizada através da fé.

Celebrar a Páscoa é toda alegria da ressurreição! Para nós é um significado muito grande! É a ressurreição! É a vida! (ENTREVISTADA 2)

É um sentimento próprio de um povo que possui uma trajetória religiosa única e um sentimento indivisível da identidade do grupo. A celebração da Divina Liturgia Pascal possui em sua essência orações e ritos próprios para essa festa. Entre as prele-

12 Disponível em <http://www.eparquiaucraniana.com.br/eparquia/arquivos/PDF/PastoraiseMovimentos/Pastoral Liturgica/instrucoesparaasigrejascatolicasorientais.pdf>. Acesso em 12/01/2014.

ções que os fiéis fazem estão as Antífonas, que são salmos cantados. Durante a Páscoa as letras desses salmos discorrem sobre a Ressurreição de Cristo. Há também os Tropários que significam “melodias” ou “cânticos” curtos e com letras poéticas que se referem à Festa do dia. Na Páscoa as letras enfatizam a ressurreição de Cristo. (SCHILLER, 2008).

Outro aspecto que vale ser destacado é a quantidade de vezes que os fiéis repetem com ênfase na voz e demonstrando alegria, “*Khrestós voskrés*”, que em português, significa “Cristo ressuscitou”. A ressurreição de Cristo é o motivo fundamental da alegria da festa pascal e durante a celebração da ressurreição de Cristo os fiéis se ajoelham inúmeras vezes em sinal de humilhação e respeito a Cristo.

Na Capela São Miguel Arcanjo a prática ritual da Divina liturgia Pascal ocorre no sábado de aleluia, no período da tarde, realizando-se no final da celebração a benção dos alimentos. Sobre essa benção, Burko (2010, p. 35) reflete:

(...) na época de Páscoa, tempo de maior importância para os cristãos. Época em que nós, descendentes de ucranianos, temos o costume de, no sábado que antecede a ressurreição, benzer alguns alimentos, que são a “Paska”, um pão decorado, “kubaça”, lingüiça, “krin”, uma raiz extremamente forte, conhecida na Ucrânia por rábano-de-cavalo, requeijão, manteiga, leitão assado, “pêssankas”, ovos cozidos, sal etc. A parte religiosa é toda cheia de simbologia.

As pêssankas também fazem parte da Páscoa ucraniana.

Pêssankas são “ovos escritos”, pois a palavra deriva do verbo pessati que significa escrever. Nas pêssankas, cada traço, figura e cor têm significados especiais – por exemplo, as figuras de peixes remetem ao cristianismo, as de flores, ao amor e à felicidade, as de animais, como o cavalo, à riqueza e à saúde. O roxo, na pêssanka, é a cor da alta vibração e representa a fé e a confiança, o amarelo é a cor consagrada às divindades da luz - lua e estrelas – e simboliza pureza e luz, boa colheita e sabedoria, e assim por diante. (...) No Brasil, estão presentes na produção atual, conservando significados que expressam a intenção daquele que faz da pêssanka objeto para presentear parentes e amigos. (IPHAN, 2010)

Durante as entrevistas os descendentes de ucranianos não só expuseram a coleção de pêssankas que possuem como também presentearam a pesquisadora, desejando assim bênçãos para sua vida. A importância desses “ovos escritos” (IPHAN, 2010) se justifica por serem abençoadas com os demais alimentos que compõe a cesta. Na celebração

da Divina Liturgia Pascal de 2013 foi possível presenciar a benção dos alimentos que começaram a ser preparados alguns dias antes da Páscoa. As cestas estavam todas decoradas com panos bordados típicos ucranianos. Além dos alimentos tradicionais, também havia nas cestas ovos de chocolate e bombons. Essa benção possui significado simbólico para os descendentes de ucranianos.

Guardamos no freezer a casquinha da Paska¹³ e na época da semeadura lançamos sobre a terra. As plantas nascem vistosas, dá para ver qual roça onde foi lançada a Paska e qual não foi! (ENTREVISTADO 3).

Essa benção é esperada o ano todo, pois proporciona aos fiéis uma espécie de proteção e amparo, recebendo assim graças em todos os âmbitos de suas vidas. O relato acima elucida a prosperidade alcançada através do pão benzido lançado sobre as plantações. É um rito que vem sendo praticado de geração em geração.

Nossos fiéis tem o costume de trazerem os alimentos para a igreja para ser abençoados pelo sacerdote. Isso não mudou! Os fiéis continuam a trazer as cestas! (ENTREVISTADO 1)

A tradição é milenar e a cesta é um carinho especial da alegria da ressurreição! Você não coloca na cesta um alimento de qualquer jeito. A preparação acontece antes e com todo cuidado. Faz-se o pão doce, as pêssankas e os demais alimentos. Se não fizer assim não tem graça! Não é Páscoa! Se não for bento pelo padre parece que não tem valor. (ENTREVISTADO 3).

Observa-se que a preparação das cestas com alimentos também faz parte do ritual pascal. Desde o cuidado no preparo dos alimentos, até a ornamentação. No dia da celebração pascal há também um rito de preparo para participar da celebração da Divina Liturgia Pascal.

No sábado de aleluia jejuamos, não temos o hábito de comer carne. Fazemos penitência até na hora da missa. Voltamos da missa jantamos normal, mas não comemos carne. Também não temos o hábito do baile do sábado de aleluia. A família já sabe que dia de Páscoa eles têm que levantar bem cedo e todo mundo vem para tomar o café com os alimentos abençoados na missa do sábado de aleluia. (ENTREVISTADA 2).

Essa ação ritual já explicitada é uma prática que é transmitida de geração em geração e possui uma explicação nas palavras de Terrin (2004, p. 302- 303)

13 Paska é um pão doce decorado que compõe a cesta de alimentos que são abençoados da Celebração da Páscoa.

(...) ao observar os ritos podem constatar que esses são sempre os últimos a se modificar. Podem se passar milênios antes que um ritual seja afetado, mesmo que a língua já tenha modificado-se, transformando-se, mesmo que os costumes já sejam diferentes, a ponto de os ritos não serem mais compreensíveis. (...) O caráter fixista do rito pode contemplar (e de fato contempla) uma certa mobilidade e adaptabilidade, embora dentro de uma estabilidade de fundo.

O rito não fica imune às alterações que ocorrem no tempo, porém é afetado mais lentamente. As práticas rituais pascais ucranianas sofreram algumas modificações, porém a essência simbólica do rito mantém-se viva, renovando-se continuamente.

Permanências e ressignificações dos rituais pascais

Devido ao padre se deslocar quinzenalmente da Paróquia Nossa Senhora da Glória de Pitanga para celebrar na capela São Miguel Arcanjo em Ariranha do Ivaí, os fiéis habituaram-se a frequentar a igreja católica latina semanalmente. Sendo uma ação natural para eles celebrar a Páscoa tanto no rito ucraniano como no católico

No sábado de aleluia temos nossa celebração pascal na Capela São Miguel Arcanjo e a noite vamos à missa na igreja católica latina. Celebrar no rito católico ucraniano e no rito latino faz parte da nossa Páscoa! (ENTREVISTADA 2)

Essa convivência intercultural religiosa colabora para que esses sujeitos assimilem elementos do ritual católico latino, como as canções religiosas, e os incorporem em sua prática do ritual pascal ucraniano. Observou-se na celebração da Divina Liturgia Pascal de 2013 na capela ucraniana que vários cânticos da igreja católica latina fizeram parte do ritual. Terrin (2004, p. 388) comenta que "(...) viver em espaços e lugares diferentes quase que simultaneamente se torna, hoje, um fator originário de dispersão e de fragmentação ritual". Não que a ação ritual desse grupo étnico tenha se dissolvido com tempo, porém participar em duas igrejas de ritos diferentes faz com que essas pessoas atribuam um novo significado ao rito.

Percebe-se que existe, entre eles, um sentimento de união, pertença e de identidade, mesmo que a convivência com outras culturas seja constante. Vale lembrar que quando culturas distintas convivem num mesmo espaço e tempo, como ocorreu com os imigrantes e ainda ocorrem com os descendentes de ucranianos, algumas práticas cotidianas se modificam. (SKAVRONSKI, 2013 p. 9)

A união e o sentimento de pertencimento do grupo se mantêm, mesmo que de forma ressignificada. Outro fator que colaborou para que se alterasse o rito da Páscoa é o fato da língua ucraniana com o tempo deixar de ser praticada e compreendida por muitos dos descendentes de ucranianos.

Aqui na Capela São Miguel Arcanjo se fosse para cantar uma missa em ucraniano já não se teria mais missa, porque não tem mais quem canta mesmo. Tivemos que passar a fazer as missas rezadas em ucraniano, só rezava não cantava (em ucraniano.) Daí foi chegando uma época que não tinha gente para responder as orações em ucraniano, era duas, três pessoas que respondiam as orações na missa, por isso que de uns dez anos para cá, mais ou menos em 2003 foi se readaptando para o português, porque daí você vai na missa e se tem trinta ou quarenta pessoas todas participam. (ENTREVISTADO 2).

Muitos fiéis respondiam sem entender o significado das palavras, sendo assim foi necessária a tradução da missa. Esse fato apresenta-se como decisivo na forma de celebrar a Páscoa na última década. Confrontando o livro litúrgico (2003) utilizado pelos fiéis na prática da Divina Liturgia Pascal, ainda escrito todo em ucraniano com o livro utilizado no ano de 2013, onde a celebração do rito pascal já está traduzida, percebe-se que a estrutura permanece, mas a tradução não possibilita manter intacta a essência da língua ucraniana.

Igual, igual não é! Se você traduzir uma música em inglês ao pé da letra, não tem sentido. É a mesma situação com a tradução ucraniana para o português, se traduzir ao pé da letra não tem sentido, tem muita coisa que ficou diferente! A liturgia se mantém! O que mais pesou nas mudanças foi questão da tradução! (ENTREVISTADA 2)

As novas gerações não compreendem a língua ucraniana e quando participavam da missa repetiam as orações sem entender o significado das palavras proferidas.

Antes da tradução da missa muitas pessoas até respondiam em ucraniano, mas nem sabia o que significava, os mais novos foram deixando de frequentar a igreja, não fazia sentido, não entendiam o que era rezado, por isso a Igreja teve a permissão do Bispo para traduzir a missa. (ENTREVISTADO 3).

Em relação à tradução das músicas litúrgicas, os fiéis demonstram um sentimento de perda, pois não é possível cantar com versos e rimas como em ucraniano a mesma letra em português. Segundo as fiéis entrevistadas, vários Tropários da celebração da Divina Liturgia pascal quando traduzidos para o português, ficam desconexos ao cantar no mesmo

ritmo. Assim, perde a beleza do canto.

Trecho do Tropário em ucraniano:

Khrystos voskres iz mertvykh ,
peremih smert' zi smertyu ,
ti , khto buv u mohyli.
Khrystos viddav Svoye zhyttya !
хліб життя (PÃO DA VIDA, 2003)

Em português:

Cristo ressuscitou dos mortos,
venceu a morte com a morte,
aos que estavam no túmulo.
Cristo deu a Vida!
(DIVINA LITURGIA, 2013)

Percebe-se a alteração na melodia, e as palavras perdem a combinação em português não mantendo a harmonia com o ritmo¹⁴. Para obter uma melhor combinação de letras traduzidas e ritmo é necessário ensaiar e modificar algumas palavras ou notas musicais. Porém, como o grupo é pequeno e poucos entendem os escritos em ucraniano opta-se, na maioria das vezes, cantar cânticos da igreja católica latina, pois assim, todos participam. Outro fator que se alterou na celebração da Páscoa foi a preparação das pêsankas

Nós não fazemos. Compramos adesivos, mas o tradicional é pintar a mão. Eu ainda sei fazer, mas não tenho tempo de pintar, pois fazer uma pêsanka demora; hoje já não dá mais. (ENTREVISTADA 2).

Ultimamente não pinto mais as pêsankas, meu filho tem trazido de Curitiba prontas feitas com adesivo! Eu sei pintar mais não tenho tempo! (ENTREVISTADA 4).

Quando Natália Onesko (entrevistada 2) diz que na atualidade não é possível mais pintar as pêsankas, os motivos são os inúmeros compromissos com a profissão e com a família. Sendo responsável pela Liturgia e também pela conservação da Capela colabora para que seu tempo seja escasso. Sua mãe Ana Onesko devido à idade avançada diz não possuir mais firmeza nas mãos para colori-las. Os filhos e netos não aprenderam a técnica, portanto, a cada ano menos pêsankas são preparadas manualmente. A Sra Estefânia (entrevistada 4) também narra que a

falta de tempo é o principal motivo para não preparar “ovos escritos” (IPHAN, 2010) artesanalmente. Os filhos e netos também não desenvolveram a técnica.

Assim como a pintura de pêsankas sofreu modificações, também as alterações com a tradução da Divina Liturgia foram sentidas por esse povo, porém o sentido da prática ritual e a fé permanecem.

Mudou tudo! Eu penso que mudou tudo! Mas para quem tem fé o sentido não perde nunca. A juventude hoje não gosta mais de ir na igreja, para você conseguir levar um jovem para a igreja é difícil! (ENTREVISTADA 4)

A capela mantém a liturgia de São João Crisóstomo em sua estrutura. Mesmo com a tradução e os elementos incorporados da religião católica latina, na missa da Páscoa se entoa muitas vezes “Khrystos voskres” (“Cristo Ressuscitou”). Essa frase todos os descendentes de ucranianos aprenderam e até mesmo as crianças sabem que o significado reside na ressurreição de Cristo. Sendo assim, a Páscoa em sua essência que festeja a ressurreição de Cristo contribui para que alguns traços da língua ucraniana permaneçam. Observa-se que as identidades cada vez mais são (...) “fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas”. (HALL, 2000, 107-108). A identidade étnica do grupo não permanece estática, porém não perde seus traços ligados a celebração da grande festa ucraniana vivenciada na Páscoa.

E é através desse processo de identificação e de pertencimento que percebemos a preservação dos rituais religiosos entre os descendentes de ucranianos como elo entre o passado e o presente. (SKAVRONSKI, 2013, p. 05)

Apesar dos novos elementos assimilados ao ritual, os traços que conectam esse grupo aos seus ascendentes ucranianos permanecem, ainda que de forma ressignificada, vivos entre essas pessoas.

Algumas Considerações

O objetivo deste trabalho foi analisar as permanências e ressignificações dos ritos da Divina Liturgia Pascal entre os descendentes de ucranianos de Ariranha do Ivaí. Através das fontes orais e documentais foi possível iniciar uma discussão em torno do grupo étnico focalizado nesse estudo. As

14 Maria Onesko, tradutora dos livros litúrgicos e de cânticos ucranianos de 2003. Durante a tradução cantou alguns cânticos e Tropários utilizados na celebração pascal. Observou-se que é preciso adaptar a letra para que combine com a melodia.

lembranças dos descendentes de ucranianos é ressignificada através dos relatos das suas práticas religiosas e é possível identificar na experiência cotidiana dessas pessoas, o que muitas vezes não é perceptível, numa sociedade de rápidas transformações. (SKAVRONSKI, 2013, p. 6-7). Foi possível através das entrevistas, captar a ligação que o grupo estudado possui com seu passado e com seus ascendentes.

A pesquisa não apresenta resultados definitivos, pois sabemos que a história nos proporciona várias interpretações sobre um determinado fato. Mas pôde-se observar que novos significados são evidenciados na prática ritual da Páscoa praticada na Capela São Miguel Arcanjo. Percebeu-se com a pesquisa que o preparo para celebrar o rito da Páscoa permanece, mesmo que na atualidade a maioria dessas pessoas não preparem mais as pêsankas artesanalmente. Contudo, o hábito de presentear as pessoas com esses ovos pintados desejando bênçãos persiste.

As cestas de alimentos continuam com um amplo significado simbólico, sendo que seu preparo inicia dias antes da Páscoa. Alguns alimentos foram acrescentados como os ovos de chocolate e os bombons. A força da fé e a certeza de que esses alimentos durante ano poderão abençoar todos os âmbitos da vivência dessas pessoas permanece. O jejum e o ritual que precede o ritual da Páscoa ainda são praticados com dedicação, e a alegria da fé se mostra nos olhos desse povo que frequenta a capela São Miguel Arcanjo que possui como diferenciador étnico identitário, a religião.

Por fim, pode-se compreender que mesmo assimilando vários elementos identitários de outros grupos, os descendentes de ucranianos de Ariranha do Ivaí mantêm seus traços étnicos que são únicos, apesar de ressignificados, na prática do ritual da Divina Liturgia Pascal.

Fontes Primárias:

LACHOVICZ, Antônio. Entrevista concedida à Fernanda Mazuco em 04/02/2014. Acervo da pesquisadora.

ONESKO, Natália. Entrevista concedida à Fernanda Mazuco em 12/02/2014. Acervo da pesquisadora.

ONESKO, Ana. Entrevista concedida à Fernanda Mazuco em 12/02/2014. Acervo da pesquisadora.

MESKIU, Estefânia B. Entrevista concedida à Fernanda Mazuco em 12/02/2014. Acervo da pesquisadora.

Referências:

ALBERTI, V. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BABBAR, L. J. **Características, transformações e adaptações da música religiosa ucraniana no Paraná**. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Departamento de Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

BARTH, F. **Grupos étnicos e suas fronteiras** (1969). In: POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 187-227.

BURKO, P. V. N. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2. ed. Curitiba: OSBM, 1963.

BURKO, V. **História de Vassílio**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010.

BORUSZENKO, O. A imigração ucraniana no Paraná. In: **Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**: Colonização e migração. São Paulo, 1969.

FALCON, F.J.C. **A identidade do historiador**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.9, n 17, 1996, p. 07-30.

HALL, S. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IPHAN. Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Pêsankas**: tradição ucraniana em cartaz no Espaço da Cultura Popular. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=1518&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>>. Acesso em 15 mar 2014.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 4. ed. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

PESAVENTO, S. J. Fronteiras da ficção: Diálogos da História com a Literatura. In: **Revista de História das Ideias. História e Literatura**, Coimbra: v. 21,

p. 33-57, 2000.

PINSKY, C. B. (Org). **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SCHILLER, S. **Nossa Liturgia**: comentários à Divina Liturgia de São João Crisóstomo. Curitiba: Edições Brasilianas, 2008.

SKAVRONSKI, M. I. A. Rezar e Benzer: Os rituais Sagrados e suas Representações para os Descendentes de Ucrânicos de Prudentópolis - PR. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E CULTURA-IDENTIDADES E REGIÕES I., 2013, Irati. **Anais eletrônicos - resumos e artigos completos**. Irati: UNICENTRO, 2013.

TERRIN, A. N. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2004.

br/eparquia/arquivos/PDF/PastoraisMovimentos/PastoralLiturgica/instrucoesparaasigrejascatolicasorientais.pdf>. Acesso em 20 de fev. 2014.

PÃO DA VIDA. Paróquia Nossa Senhora da Glória. Pitanga-PR, 2003.

PREFEITURA Municipal de Ariranha do Ivaí. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.ariranhadoivai.pr.gov.br/portall/municipio/historia.asp?ildMun=100141024>>. Acesso em 13 de mar. 2014.

PREFEITURA Municipal de Ivaiporã. **História do Município**. Disponível em:<<http://ivaipora.org/cidade/historia-do-municipio/>>. Acesso em 12 de mar. 2014.

Fontes Secundárias

CALENDÁRIO, Prudentópolis, 1971.

DIVINA LITURGIA de São João Crisóstomo no Rito Ucrâniano. Paróquia Nossa Senhora da Glória. Pitanga-PR, 2013.

DONADEO, M. **O ano Litúrgico Parte I**. Três Ciclos do Ano Litúrgico Bizantino. 2000. Disponível em<http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/ano_liturgico_1a.>. Acesso em 12 de mar 2014.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Histórico**: Ariranha do Ivaí. Disponível em< <http://cod.ibge.gov.br/2LRXP> >. Acesso em 10 de fev. 2014.

KOUBETCH D. V. **Eparquia São João Batista**: Identidade e História. Disponível em <<http://www.eparquiaucraniana.com.br/eparquia/arquivos/PDF/eparquia/IdentidadeHistoria.pdf>>. Acesso em 20 de fev. 2014.

KOUBETCH D. V. **Eparquia São João Batista**: Instruções para a aplicação das prescrições litúrgicas do Código dos Cânones das Igrejas Orientais. Disponível em:<<http://www.eparquiaucraniana.com>.